

SOCIEDADE DA TRANSPARÊNCIA

SOCIETY OF TRANSPARENCY

Azizi Manuel Tempesta¹

Bruno Araújo dos Santos²

Danilo dos Santos Oliveira³

Ricardo Luiz Lopes⁴

RESUMO

No presente trabalho procuramos fazer uma apresentação geral sobre a obra *Sociedade da Transparência* (2017) do filósofo sul-coreano Byung-Chul Han. Para isso, fizemos uma descrição geral do livro, acrescido por alguns comentários e esclarecimentos contidos em outros trabalhos do autor, e por fim apresentamos algumas considerações que destacam a importância da obra e como ela ajuda a compreender os fenômenos da sociedade atual, marcada pela perda da negatividade e pela superficialidade e descaracterização imposta pela transparência e suas consequências, que se estendem na vida pessoal, social, laboral e afetiva, afetando o modo como nos relacionamos com nós mesmos e com os demais.

Palavras-chave: Sociedade. Transparência. Contemporaneidade.

¹ Aluno do curso de Licenciatura em Filosofia pela FAE Centro Universitário; Licenciado em Física (2012) e Mestre para o Ensino da Ciência e da Matemática (2016) pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). *E-mail*: azizimanuel@gmail.com

² Aluno do curso de Bacharelado em Filosofia pela FAE Centro Universitário. *E-mail*: brunoaraujo_al@yahoo.com.br

³ Aluno do curso de Bacharelado em Filosofia pela FAE Centro Universitário. *E-mail*: paraclara11@yahoo.com.br

⁴ Aluno do curso de Bacharelado em Filosofia pela FAE Centro Universitário. *E-mail*: rico_lhopes@hotmail.com

ABSTRACT

In the present work we try to make a general presentation on the work of *Transparency Society* (2017) by the South Korean philosopher Byung-Chul Han. For this, we have made a general description of the book, added by some comments and clarifications contained in other works of the author, and finally we present some considerations that highlight the importance of the work, and how it helps to understand the phenomena of the current society, marked by the loss of negativity and by the superficiality and decharacterization imposed by transparency and its consequences, which extend in personal, social, labor and affective life, affecting the way we relate to ourselves and others.

Keywords: Society. Transparency. Contemporaneity.

INTRODUÇÃO

Neste artigo buscamos apresentar a obra *Sociedade da Transparência* (2017), do escritor coreano Byung-Chul Han. Han nasceu em 1959 na Coreia do Sul, mas se encontra radicado na Alemanha, onde realizou seus estudos e atualmente é professor na Universidade de Berlim. Ele é considerado como um dos mais importantes filósofos contemporâneos, e suas obras criticam o capitalismo, o consumismo, a transparência exagerada da sociedade, além de oferecer uma análise acurada do fenômeno das redes sociais e da hipercomunicação (GELI, 2018; HANCOCK, 2018).

Em seu livro, o autor nos oferece uma análise do fenômeno da transparência a que vem sendo submetida nossa sociedade e nossas relações, bem como apresenta os efeitos que tal fenômeno acarreta, sejam nas relações pessoais, sejam nas relações sociais.

Desse modo, organizamos a apresentação da obra seguindo a própria divisão do autor, apresentando os assuntos como são tratados, uma vez que, embora dividido em capítulos, o livro se constitui de um todo evolutivo, e acrescentando comentários ou trechos de outras obras do autor quando oportunos.

O tema tratado por Han é não apenas atual, como muito pertinente. Ele nos mostra, talvez pela primeira vez de forma clara, que uma sociedade que quer ser transparente ao extremo pode nos levar a um perigo muito grande, o do excesso de exposição e planificação. Os discursos de igualdade e transparência podem levar a diferenças que constituem a identidade de tantos grupos ao fim, e a um fim forçado. Prega-se a tolerância, mas só se tolera o igual.

Estamos caminhando para uma sociedade que não é mais narrativa, mas sim aditiva. Os rituais e cerimônias estão sendo eliminados, pois demandam tempo, participação e preparação. O sagrado, o desejo, e tudo que envolve um certo jogo dissimulado, velado, estão sendo eliminados por uma sociedade que só busca aquilo que é imediato, que se dá inteiramente de uma vez, ou seja, pornográfico. Não há mais espaço para o valor da arte e da figura artística, tudo está sendo reduzido ao seu mero valor comercial ou à sua capacidade de ser comercializado.

Caminha-se para uma sociedade onde o controle será absoluto, porém o mais “maligno” de tal controle é que não haverá uma força externa que o impõe a nós, seremos nós mesmos que nos exporemos e colocaremos a disposição dele, e nós mesmos também seremos os vigias, os guardas, para garantir que todos sejam submetidos. Nós mesmos estamos nos explorando, e achando que isso é bom.

1 A SOCIEDADE DA TRANSPARÊNCIA

No livro *Sociedade da Transparência* (2017) Han vai nos guiando ao longo de uma série de reflexões sobre a “composição”, por assim dizer, da Sociedade da Transparência, que são apresentadas como tipos de sociedades, ligadas por esse conceito central, a transparência. Assim, ao longo dos nove capítulos da obra somos convidados a refletir, sobre uma sociedade positiva, da exposição, da evidência, pornográfica, da aceleração, da intimidade, da informação, do desencobrimento e, por fim, do controle (HAN, 2017a). Cabe destacar, novamente, que o livro não se trata de uma coletânea de textos sobre características da sociedade atual, mas que essas diferentes características são como que diversas facetas pelas quais a transparência vai se mostrando e suas consequências na sociedade e nas relações sociais.

Em um primeiro momento, porém, seria interessante olharmos para a definição de transparência, ou melhor, de *transparente*, segundo um dicionário, e então passaremos ao pensamento do autor. De acordo com o Dicionário Online Priberam, temos que:

trans·pa·ren·te

adjetivo de dois gêneros

1. Que permite distinguir os objetos com nitidez através da sua espessura.

2. Diáfano.

3. Diz-se de uma cor que, sobreposta a outra, deixa ver está mais ou menos.

4. [Figurado] Evidente.

substantivo masculino

5. Porção de tela, papel, etc. que serve para afrouxar a ação da luz; estore.

6. Peça de tela branca para experiências ópticas.

Olhando apenas para os quatro primeiros sentidos apresentados pelo Dicionário, já podemos ter uma ideia do caminho pelo qual Han nos conduzirá, sendo a sua transparência como uma característica daquilo que não possui nada oculto e tudo revela, sem surpresas.

E de fato, no primeiro capítulo temos o autor falando sobre esse processo de tornar-se transparente:

As coisas se tornam transparentes quando eliminam de si toda e qualquer negatividade, quando se tornam *rasa* e *planas*, quando

se encaixam sem qualquer resistência ao curso raso do capital, da comunicação e da informação. As ações se tornam transparentes quando se transformam em *operacionais*, quando se subordinam a um processo passível de cálculo, governo e controle [...] (HAN, 2017a, p. 09-10. Itálico do autor).

E o autor continua apresentando a transparência do tempo como este sendo aplainado em um presente sempre disponível, a transparência da imagem quando esta perde sua profundidade, sua hermenêutica. Em suma, tornar-se transparente é eliminar suas singularidades, incomensurabilidades, e deixar seu valor ser ditado pelo preço, é cair em um abismo infernal do igual (HAN, 2017a).

Desse modo, a Sociedade da Transparência é uma Sociedade Positiva, que dá adeus tanto à dialética quanto à hermenêutica. Nessa sociedade, busca-se uma eliminação da negatividade (e com ela da teoria, da felicidade, do amor, das relações sociais, da verdade etc.), e como consequência têm-se uma planificação e “rasificação” de tudo. Nas palavras de Han, o contato e a informação devem ser imediatos, e o excesso de informações, por sua vez, leva à falta de verdade e a indecisão, pois não há tempo para refletir sobre o que vemos.

Nessa sociedade transparente e positiva exige-se a eliminação da esfera privada e o fim do direito ao mistério. Isso gera violência, pois não há lugar para o diferente, para o obscuro. Tudo deve ser rápido e imediato, e os gostos se diluem, sendo o bordão de tal sociedade o “me agrada”. Esse processo, porém, não é pacífico, a transparência se impõe pela violência, assunto que é retomado pelo autor em outras partes da obra.

Han descreve, no segundo capítulo, o fenômeno da Sociedade da Exposição, buscando compreender de que forma o homem busca desnudar tudo, inclusive as suas próprias relações. O autor cita Walter Benjamin, quando ele considera que o valor cultural de um objeto não está em sua exposição excessiva, mas em sua existência, mesmo que velada (HAN, 2017a, p. 27). Desse modo, ele faz um contraponto com a sociedade atual, na qual há uma necessidade de tudo se expor e compartilhar nos meios em que se vive, onde cada sujeito é seu objeto-propaganda. Ele aponta também que a fotografia passa a ter um novo caráter, atemporal e a histórica, que a despe de sua narratividade e que o rosto humano, agora transforma-se em “face” que é o rosto modificado em forma de comercialização.

Por isso uma sociedade da exposição é uma sociedade “pornográfica” pois “[...] tudo voltado para fora, desvelado, despido, desnudo, exposto. O excesso de exposição

transforma tudo em mercadoria [...]” (HAN, 2017a, p. 32). Ao falar sobre a violência da transparência, Han (2017c) nos diz que a transparência é obscena devido ao dinheiro, que busca eliminar a incomensurabilidade das coisas, tirar sua privacidade, e então reduzir tudo ao seu preço, seu valor de mercado, à sua possibilidade ou capacidade de gerar lucro.

No terceiro capítulo da obra, Han apresenta a Sociedade da Evidência, e como esta é inimiga do prazer. O prazer reside no jogo obscuro da ambiguidade, necessita do velado, do mistério e da curiosidade, “dentro da economia do prazer humano, prazer e transparência não conseguem conviver; a transparência é estranha à economia libidínica, pois é precisamente a negatividade do mistério, do véu e ocultação que aguilha o desejo e intensifica o prazer [...]” (HAN, 2017a, p. 39). A própria cultura da *post-privacy* é contrária ao prazer ao exigir o desnudamento ilimitado. Ao retirar a “nuvem” de imprecisão das coisas elimino a sedução e o eros, elimino a fantasia e isso me faz cair em uma sociedade pornográfica, ou seja, do explícito e do evidente. Como consequência disso, as coisas perdem seu atrativo.

Esse efeito afeta também o jogo político e do sagrado, pois tanto um quanto o outro não são espaços transparentes e simétricos. A política faz uso de jogos de poder, de astúcia, que são eliminados pela transparência, e a religião precisa do mistério, da ocultação do Totalmente Outro, que não se conhece bem e por isso desperta o fascínio. Se elimino tudo que é oculto em nome da transparência elimino todos os jogos da vida humana, tudo aquilo que a vai tornando atrativa.

Para falar sobre a Sociedade Pornográfica, Han retoma Walter Benjamin para afirmar que a beleza não reside na transparência, mas necessita do segredo, do velado, pois “a beleza não é passível de ser desvelada na medida em que está necessariamente ligada ao véu e ao velamento. O que é velado só permanece igual a si mesmo sob o velamento, e o desvelamento faz desaparecer o velado. Assim, não existe beleza desnuda [...]” (HAN, 2017a, p. 51-52). Quando as coisas se tornam expostas demais elas ficam obscenas, e a pornografia é aquela que exhibe por demais as coisas, ou seja, entre a imagem e o olho não há significado é somente algo liso, seco e que vive na própria exposição.

O autor vai citar outro filósofo conhecido por sua escrita referente a estética e a política, e no que tange a sociedade pornográfica Agamben que leva o erotismo a um outro patamar, a partir da exposição, embora não seja ainda o pornográfico. Han por sua vez, discorda de Agamben, pois para ele “o erótico pressupõe a negatividade

do mistério e do ocultamento. Não existe erotismo da transparência. É precisamente onde desaparece o mistério em prol da exposição e do desnudamento total que começa a pornografia” (HAN, 2017a, p. 60) e se não cuidamos, do erotismo acabamos na pornografia. Isso é o que vem ocorrendo tanto com a fotografia quanto com o cinema e as peças midiáticas, nas quais não se tem mais hermenêutica, mas um mostrar-se instantâneo e agressivo.

A beleza precisa do segredo. O pudor é gerado pela vergonha da nudez, da exposição excessiva. No mundo moderno as intimidades são expostas, vendidas no mercado, consumidas. A sociabilidade exige certa distância, até mesmo entre os melhores amigos e amantes, porém na sociedade atual as pessoas buscam a transparência expondo voluntariamente suas intimidades perante o público, cada sujeito se torna o seu próprio objeto de publicidade. O valor da exposição é a medida de tudo, tudo é entregue, nu, sem segredo, à devoração imediata. Todos os rituais são eliminados porque se tornam um obstáculo à aceleração dos ciclos de informação, da comunicação e da produção.

Ao falar sobre a Sociedade da Aceleração, no quinto capítulo, Han quer nos fazer um alerta, o de que a sociedade do “hiper”, hiperatividade, hiperprodução, hipercomunicação, é uma sociedade que leva à aceleração do processo de vida ao substituir a narratividade (com sua estrutura e seu tempo próprios) pela simples adição, de produtos, imagens, informações. A isso tudo ele chama de obsceno.

Obscenas são a hiperatividade a hiperprodução e a hipercomunicação, que se lançam velozmente para além da meta. Obscena é essa hiperaceleração, que já não é realmente *movente* e tampouco nada leva *adiante*. Em seu excesso, lança-se para além de seu *para onde*. Obsceno é esse *puro* movimento que se acelera por causa de si mesmo [...] (HAN, 2017a, p. 69-70. Itálico do autor).

E essa é a diferença entre um processador e um humano. A máquina trabalha com simples adição de informações, enquanto o ser humano vive experiências e as narra. Essa sociedade vai coagindo por transparência, vai dissociando o tempo da vida, tornando os acontecimentos meros fatos, uma sucessão desconexa de acontecimentos, e vai eliminando o papel e o espaço dos ritos na vida das pessoas, pois estes são narrativos, e não há mais tempo para isso. Segundo Han “a narração exerce uma seleção; o curso narrativo é estreito, só admite determinados acontecimentos. É por isso que ele impede a proliferação e massificação do positivo. O excesso de

positividade que hoje domina a sociedade é um indicativo de que esta foi privada de sua narratividade. Nesse processo, a memória também foi atingida.” (HAN, 2017a, p. 75). Nesse processo de simples acúmulo de memórias, perdemos o “perfume do tempo”, nossas memórias são como coisas armazenadas ao acaso, sem nenhuma história em comum (HAN, 2017a; 2017b).

No sexto capítulo, Han aborda a Sociedade da Intimidade, na qual, para ele, com o advento das redes sociais e dos *sites* de busca, a intimidade personaliza e psicologiza tudo, eliminando o “fora”, e trazendo para dentro o que antes era público, como a política. Esse excesso de intimidade esvazia a esfera pública e força a transparência, e acaba por destruir os jogos e interações sociais, como os rituais e os eventos cerimoniais e formais.

A sociedade da intimidade desconfia dos gestos ritualísticos e dos comportamentos cerimoniais e formais; estes lhe parecem por demais exteriores e inautênticos. O ritual é uma ação a partir de formas de expressão externalizadas, que têm um efeito desindividualizador, despersonalizador e despseudologizador. Os que dele participam são expressivos, sem, no entanto, colocar a si mesmos sob holofotes ou ter de se desnudar. *Mas a sociedade da intimidade é uma sociedade psicologizada, desritualizada; uma sociedade da confissão, do desnudamento e da falta pornográfica de distância.* (HAN, 2017a, p. 83. Grifo nosso).

O excesso de intimidade torna a sociedade composta por narcisistas aos quais faltam todo e qualquer distanciamento cênico. Segundo Han, máquinas podem ser totalmente transparentes, mas não seres humanos. Ao menos não humanos livres, pois a liberdade pressupõe um grau razoável de opacidade, de privacidade, até mesmo de máscaras no baile da sociedade e no teatro da vida. No mundo das curtidas, o valor de culto é substituído pelo valor de exibição.

Ao falar sobre a Sociedade da Informação (capítulo sete), Han a coloca como inimiga da verdade e a aparência, pois estas não são transparentes, a verdade aponta o erro, e o que aparece oculta outras coisas. Desse modo, mesmo a analogia da verdade como luz acaba agora modificada. Desde os gregos se usa a imagem da luz como aquela que revela as coisas e dissipa as trevas, porém essa luz sempre partia de uma fonte, uma origem transcendente, e com isso surgem no mesmo movimento luz e sombra, o que aparece e o que fica oculto, “luz e trevas tem igual origem; luz e sombras são copertentes [...]” (HAN, 2017a, p. 91). Porém, na sociedade de

informação a luz não emana de uma fonte, mas se torna uma radiação opaca, sem origem, que tudo penetra e revela, tudo torna homogêneo.

Nessa sociedade a linguagem se torna positivada e operacionalizada, se torna vazia. E para preencher o vazio se usam mais informações, em um ciclo que leva cada vez mais para a transparência a para a ausência de verdade e de aparência, pois “[...] nem a verdade nem a aparência são transparentes; somente o *vazio* é totalmente transparente. Para exorcizar esse vazio coloca-se em circulação uma grande massa de informações, sendo que a massa de informações e de imagens é um enchimento onde ainda se faz sentir o vazio” (HAN, 2017a, p. 95-96. Itálico do autor).

No oitavo capítulo do livro Han também nos fala sobre uma Sociedade do Descobrimento, e se baseia para isso em Rousseau e seu projeto de um coração transparente como o cristal, ou seja, “em Rousseau é possível observar que a moral da transparência total acaba se transmutando em tirania. O projeto heroico da transparência, de rasgar todos os véus, de trazer à luz e expulsar tudo o que é obscuro leva à violência” (HAN, 2017a, p. 101).

É uma mudança de paradigma, e que acaba por tiranizar (HAN, 2017a; 2017b), pois o processo de desvelar e desocultizar leva à necessidade de violência e de controle, não se pode fazer nada oculto, não compreensível, ou que seja passível de dúvidas. Hoje esse processo se dá pelo meio virtual, a comunicação digital penetra as paredes mais sólidas e faz desmoronar qualquer projeto de privacidade, porém os meios digitais não estão sujeitos a um imperativo moral, “a transparência digital não é cardiográfica, mas pornográfica, produzindo também panópticos econômicos. Neles não se busca acentuar a moral do coração, mas maximizar lucros, chamar a atenção. A iluminação total promete, pois, *uma exploração máxima.*” (HAN, 2017a, p. 104. Itálico do autor).

Por fim, todas essas considerações vão desembocar em uma Sociedade do Controle, apresentada no capítulo 9. Han utiliza a imagem do panóptico, com sua sensação de vigilância constante e indistinta para explicar a sociedade de hoje. Porém, o autor atualiza o conceito, o panóptico agora é digital, ou seja, não há mais um olhar despótico que tudo controla, ele não é mais perspectivístico, pois “a permeabilidade transparente aperspectivística é muito mais eficiente do que a supervisão perspectivística, visto que é possível ser iluminado e tornado transparente a partir de todos os lugares, por cada um” (HAN, 2017a, p. 106).

A grande genialidade desse novo panóptico é que não há mais necessidade de um vigia, as próprias pessoas presas nele se vigiam e se obrigam a vigiar os demais, e o grande instrumento dessa vigilância é a transparência, que acaba por se tornar uma necessidade interna ao sujeito. E tudo isso mantendo a ilusão de cada um que está agindo em sua liberdade. Ou seja, eu me exponho totalmente, e me coloco na posição de ser vigiado, meu vizinho, colega de trabalho, concidadão, etc. também, e assim todos se expõem e todos se vigiam, “[...] cada um e todos são expostos à visibilidade e ao controle, e, quiçá, adentrando inclusive a esfera privada” (HAN, 2017a, p. 109-110). É uma prisão sem grades, na qual o próprio sujeito sente a necessidade de se expor. Como consequência disso, temos que “a sociedade da transparência é uma sociedade da desconfiança e da suspeita, que, em virtude do desaparecimento da confiança, agarra-se ao controle” (HAN, 2017a, p. 111). Nessa sociedade da transparência, a exposição pornográfica e o controle panóptico estão ligados, se complementam, de tal forma que um retroalimenta o outro (HAN, 2017c).

Isso resulta na máxima do capitalismo, a pessoa se torna apenas produção, e sua eficiência econômica é maximizada, pois segundo Han (2017a), aquele se se ilumina, que se mostra completamente está se expondo à exploração. Não se distinguem mais comunidades, mas apenas ajuntamentos de egos isolados que vão atrás de interesses comuns.

O mundo todo hoje vem se tornando um panóptico, não se percebe mais o dentro ou o fora, e seus grandes difusores, segundo Han são o Google e as redes sociais, nas quais em nome da liberdade todos se expõem e desnudam pensando que com isso estão exercendo sua liberdade, porém “o presidiário do panóptico digital é ao mesmo tempo o agressor e a vítima, e nisso é que reside a dialética da liberdade, que se apresenta como controle” (HAN, 2017a, p. 116).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao olharmos para o livro *Sociedade da Transparência*, podemos ver um retrato de nossa sociedade atual. Han nos convida a parar um pouco e refletir sobre os caminhos que nossa sociedade capitalista e conectada está tomando e quais as consequências disso. O inferno do igual está se propagando, e é visível nos casos de suicídio e de doenças mentais, que estão se alastrando pela sociedade.

O problema não está, porém, simplesmente na aceleração, na informação, na intimidade, etc., mas sim na forma como tais processos vem se dando. É uma aceleração por si mesma, uma informação em excesso que busca preencher o vazio deixado pelo pessoal, uma intimidade que revela e expõe em demasia. As forças que poderiam ajudar a sociedade, todos os seus “hiper” acabam por se tornar destrutivos e por provocar morte.

Como consequência da imposição da positividade vemos que embora os avanços das ciências biológicas e da medicina sejam enormes surgem doenças devastadoras, porém agora elas não são mais físicas, são mentais, psíquicas, e são consequência da violência com que a positividade vem se impondo e forçando os demais a se sujeitar a ela. Hoje a violência é feita para dentro, o inimigo está dentro de si mesmo, e consiste em qualquer sinal de negatividade, de diferença, em qualquer coisa que fuja da igualdade apregoada. Como Han mesmo defende, “[...] muito mais perigoso do que o *terror do outro* é o *terror do igual*, o *terror da imanência*. Em virtude da falta de negatividade, já não há defesa contra esse terror” (HAN, 2017b, p. 196).

Cabe a nós, diante de tudo isso, pensar nosso papel nessa sociedade, se somos meros espectadores participantes, que serão engolidos por isso, ou se tentaremos de alguma forma lutar contra esse processo, que vem se tornando hegemônico.

REFERÊNCIAS

GELI, Carles. Byung-Chul Han: “Hoje o indivíduo se explora e acredita que isso é realização”. **El País**. Barcelona, 07 de fevereiro de 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/07/cultura/1517989873_086219.html>. Acesso em: 22 set. 2018.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade da transparência**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017a.

_____. Violência da positividade. In: HAN, Byung-Chul. **Topologia da violência**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017b. p. 185-199.

_____. Violência da transparência. In: HAN, Byung-Chul. **Topologia da violência**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017c. p. 201-212.

HANCOCK, Jaime Rubio. Nós somos o ‘Big Brother’: o que Byung-Chul Han escreve sobre as redes sociais. **El País**. Barcelona, 12 de fevereiro de 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/09/cultura/1518186464_156425.html>. Acesso em: 22 set. 2018.

TRANSPARENTE. Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2013. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/transparente>>. Acesso em: 20 set. 2018.